

RUA PADRE ANTONIO VIEIRA

Lei nº 1780 de 26-06-1957, Artigo 1º, Inciso 7
 Formada pelas ruas 23 e 24 do Parque Taquaral
 Início na rua Padre Manuel Bernardes
 Término na avenida Almeida Garret
 Parque Taquaral

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Ruy Hellmeister Novaes.

PADRE ANTONIO VIEIRA

Antonio Vieira nasceu em Lisboa em 06-fevereiro-1608 e faleceu no collegio dos Jesuitas, na Bahia, em 18-julho-1697. Pregador insigne, político e diplomata, além de devotado missionário nos sertões do norte do Brasil, foi, sem dúvida, uma das maiores figuras do mundo lusobrasileiro do século XVII. Em 1615, veio com seus pais para o Brasil, oito anos depois ingressava na Companhia de Jesús. Tinha dezoito anos, quando foi mandado a lecionar retórica no collegio de Olinda. Em 1635, dizia sua primeira missa e iniciava sua vida de pregador. Escolhido para acompanhar o filho do vice-rei, que ia cumprimentar d. João IV, recém-elevado ao trono de Portugal, logo se tornou conselheiro do novo rei, ingressando, assim, em 1641, na vida política e na diplomacia. Desempenhou importantes missões em várias cortes européias e sua opinião era quase sempre acatada pelo rei. Adquiriu numerosos inimigos, tanto entre políticos e cortesãos como entre os religiosos da sua e das demais ordens religiosas. Retornou ao Brasil em 1652 e foi missionário por vários anos no norte e nordeste, tendo tido oportunidade de voltar à corte, quando teve de defender a causa dos índios contra os colonos. Depois, foi expulso, juntamente com seus irmãos de hábito, por esses mesmos colonos, e retornou à Europa, em 1659. Perseguido pela Inquisição, esteve preso nos cárceres do Santo Ofício (1665-67) que o condenou a perder o uso da palavra. Posteriormente, o papa Clemente X declarou-o fora da jurisdição inquisitorial. Obteve em Roma grande êxito como pregador. Desiludido, voltou ao Brasil em 1681 e exerceu cargos de administração na sua Ordem, dedicando-se ainda à compilação de sua obra, que se compõe de 26 volumes, onde estão cerca de 200 sermões, mais de 500 cartas e numerosos estudos políticos e literários. Alguns de seus trabalhos ficaram inéditos, sendo o mais importante a "Clavis Prophetarum".

LEI N.º 1780, DE 26 DE JUNHO DE 1957

Dá nome a diversas ruas da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas promulgo a seguinte Lei:

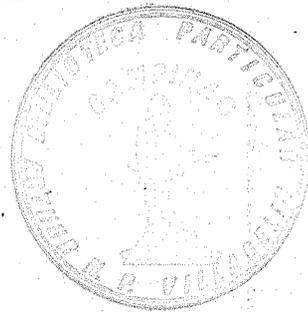
Artigo 1.º — Passam a ter a denominação abaixo as vias públicas seguintes:

- 1 — LATINO COELHO — rua 1 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14 do mesmo arruamento;
- 2 — FERNÃO LOPES — via pública que abrange a rua 5 do arruamento da Fazenda Taquaral e rua 30 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 14 do primeiro arruamento;
- 3 — FERNÃO DE MAGALHÃES — rua 6 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 4 — EGAS MONIZ — rua 16 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 5 — JAIME DE SEQUIER — rua 7 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início e término na avenida perimetral;
- 6 — GIL VICENTE — via pública que abrange a rua 28 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 22 do arruamento da Fazenda Taquaral, tendo início na avenida 10 do primeiro loteamento;
- 7 — PADRE ANTONIO VIEIRA — via pública que abrange as ruas 23 e 24 do arruamento da Fazenda Taquaral, e que tem início na rua 12 do mesmo arruamento;
- 8 — ALMEIDA GARRET — via pública que abrange a avenida 10 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 12 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Rua Carolina Florence;
- 9 — PADRE MANUEL BERNARDES — via pública que abrange a avenida 9 do Jardim N.S. Auxiliadora e a rua 8 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Avenida Perimetral do último arruamento;
- 10 — MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCCAGE — rua 21 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 23 e término na rua 5.
- 11 — TEÓFILO BRAGA — rua 14 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na Avenida 1;
- 12 — CAMILO CASTELO BRANCO — rua 13 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início e término na rua 14 do mesmo arruamento;
- 13 — INÊS DE CASTRO — via pública que abrange as ruas 8 e 12 do Jardim N.S. Auxiliadora, tendo início na avenida 4 e término na rua 14;
- 14 — JOÃO DE DEUS — rua 7 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua Baronesa Geraldo de Rezende e término na rua 8;
- 15 — BARTOLOMEU DIAS — rua 15 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na avenida 1 e término na rua 12;
- 16 — JÚLIO DINIS — via pública que abrange as avenidas 1 e 3 do Jardim N.S. Auxiliadora, e que tem início na Rua Baronesa Geraldo de Rezende;
- 17 — EÇA DE QUEIROZ — rua 4-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 5-A e término na rua 1-A;
- 18 — FIALHO DE ALMEIDA — rua 5-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na avenida 1 do mesmo arruamento;
- 19 — GUERRA JUNQUEIRA — rua 6-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 20 — ALEXANDRE HERCULANO — rua 3-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 21 — PERO VAZ CAMINHA — rua 2-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 22 — D. MANUEL O VENTUROSO — rua 7-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 23 — GASPAR DE LEMOS — rua 9 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 24 — ANDRÉ GONÇALVES — rua 4 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 3 e término na mesma;
- 25 — GONÇALO COELHO — rua 18 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 7 e término na rua 2;
- 26 — MARTIM AFONSO — avenida A do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na avenida perimetral;
- 27 — PERO LOPES — via pública que abrange a rua 6 do Jardim Campinas e rua do Jardim Bela Vista e que tem início na Rua Vital Brasil;
- 28 — VASCO FERNANDES COUTINHO — rua 1-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 2 e término na rua 10;
- 29 — DUARTE COELHO — rua 1 do loteamento de Rafael Bonavita e outros, a qual tem início na Rua Armando Sales de Oliveira;
- 30 — FRANCISCO PEREIRA COUTINHO — rua 15 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Sales de Oliveira (atual estrada p/ Mogi-Mirim) e término na mesma;
- 31 — JORGE DE FIGUEIREDO CORRÊA — rua 14 do arruamento da Fazenda Taquaral, com início na rua 13;
- 32 — PERO DE CAMPOS TOURINHO — rua 20 do arruamento do Parque Taquaral, com início na rua 15 e término na mesma;
- 33 — PERO DE GÓIS — rua 19 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Sales de Oliveira e término na rua 15;
- 34 — DIOGO ALVARES — avenida 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Sales de Oliveira;
- 35 — TOMÉ DE SOUSA — rua 6 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na avenida 1;
- 36 — DUARTE DA COSTA — rua 2 da Vila Nogueira, com início e término na rua 5 da mesma vila;
- 37 — MEN DE SÁ — rua 8 da Vila Nogueira, com início na rua 1 e término na rua 2;
- 38 — D. JOÃO VI — rua 7 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na rua 4;
- 39 — MARQUÊS DE POMBAL — rua 3 da Vila Nogueira, com início na rua 4 e término na rua 7;
- 40 — VASCO DA GAMA — rua 9 da Vila Nogueira, com início na rua 3 e término na rua 5;
- 41 — D. AFONSO HENRIQUES — rua 4 da Vila Nogueira, com início e término na rua 2;
- 42 — D.ª LUISA DE GUSMÃO — rua 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Sales de Oliveira;
- 43 — NUNO ALVARES PEREIRA — via pública que abrange as ruas 10 e 5 da Vila Nogueira, e que tem início na confluência da rua 19 com a avenida 1;
- 44 — TOMÁS RIBEIRO — rua 15 da Vila Nogueira, com início na rua 10 e término na rua 1.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Pago Municipal de Campinas, aos 26 de junho de 1957.

Ruy Hellmeister Novaes
Prefeito Municipal



RUA PADRE ANTONIO VIEIRA

Lei nº 1780 de 26-06-1957, Artigo 1º, Inciso 7

Formada pelas Ruas 23 e 24 do Parque Taquaral

Início na Avenida Padre Manuel Bernardes

Término na Avenida Almeida Garret



PADRE ANTONIO VIEIRA — Jesuíta, orador sagrado, escritor, o Padre António Vieira é uma das figuras proeminentes da inteligência portuguesa. Nasceu em Lisboa, e recebeu a sua primeira educação no Brasil, para onde os seus pais o trouxeram, tendo ele apenas oito anos. Acompanhou a Portugal, em 1649, D. Fernando de Mascarenhas, que no Brasil enviava à metrópole para saudar o novo soberano. Pronunciou, então, o seu admirável sermão sobre o bom senso das armas de Portugal, contra as da Holanda, foi nomeado pregador da corte e encarregado por D. João IV de importantes missões diplomáticas. Estêve mais tarde preso nos cárceres do Sacro Ofício. Partiu depois para Roma, onde alcançou grandes triunfos oratórios. A rainha Cristina da Suécia, que residia em Roma, nomeou-o seu confessor e pregador. As obras de Vieira abrangem 28 volumes, que compreendem cerca de 200 sermões, mais de 500 cartas e muitos estudos políticos e literários. Nenhum escritor português se lhe pode comparar na riqueza e propriedade do vocabulário, na variedade das expressões. O estilo dos sermões é de um brilho inigualável. As frases, às vezes, porém, são arrebitadas, contorcidas. Nas suas cartas, pelo contrário, é pela singeleza desarmônica que o seu estilo encanta, sem nada perder da sua opulência verbal. O Padre Vieira regressou ao Brasil já setuagenário. Sofreu ainda, antes de morrer, com quase 20 anos, grandes dissabores. Nasceu em 1608 e morreu em 1697.

anpv/02/83

(Extraído de "Vultos Históricas de Portugal" do Suplemento Histórico do jornal "O Mundo Português" do Rio de Janeiro, datado de 06-abril-1958)

(Denominação dada pela lei nº 1780 de 26-junho-1957, à via pública que abrange as ruas 23 e 24 do arruamento da Fazenda Taquaral, e que tem início na rua 12 do mesmo arruamento (Rua Almeida Garret).

Padre Antonio Vieira

A 6 de fevereiro de 1608, nascia em Lisboa o padre Antonio Vieira, falecido no collegio dos Jesuitas, na Bahia, a 18 de julho de 1697. Pregador insigne, politico e diplomata, alem de devotado missionario nos sertões do norte do Brasil, foi, sem duvida, uma das maiores figuras do mundo luso-brasileiro do seculo XVII. Em 1615, veio com seus pais para o Brasil; oito anos depois, ingressava na Companhia de Jesus. Tinha dezoito anos de idade, quando foi mandado a lecionar retorica no collegio de Olinda. Em 1635, dizia sua primeira missa e iniciava sua vida de pregador. Escolhido para acompanhar o filho do vice-rei que ia cumprimentar d. João IV, recém-elevado ao trono português, logo se tornou conselheiro do novo rei, ingressando, assim, em 1641, na vida politica e na diplomacia. Desempenhou importantes missões em varias cortes europeias e sua opinião era quase sempre acatada pelo rei. Adquiriu numerosos inimigos, tanto entre os politicos e cortesãos como entre os religiosos da sua e das demais ordens religiosas. Retornou ao Brasil em 1652 e foi missionario por varios anos no norte e nordeste, tendo tido oportunidade de voltar à corte, quando teve de defender a causa dos indios contra os colonos. Depois, foi expulso, juntamente com seus irmãos de habito, por esses mesmos colonos, e retornou à Europa, em 1659. Perseguido pela Inquisição, esteve preso nos carcerees do Santo Officio (1665-1667) que o condenou a perder o uso da palavra. Posteriormente, o papa Clemente X declarou-o fora da jurisdicção inquisitorial. Obteve em Roma grande exito como pregador. Desiludido, voltou ao Brasil em 1681 e exerceu cargos de administração na sua Ordem, dedicando-se ainda à compilação de sua obra, que se compõe de 26 volumes, onde estão cerca de 200 sermões, mais de 500 cartas e numerosos estudos politicos e literarios. Alguns de seus trabalhos ficaram inéditos, sendo o mais importante a "Clavis Prophetarum".



Antonio Vieira



Padre Antonio
Vieira

Na data de hoje, há 350 anos, nascia em Lisboa o Padre Antonio Vieira, grande figura de Portugal, do Brasil e da Companhia de Jesus no século XVII. Talento verdadeiramente genial, a sua fama de orador, que se revela sem quebra de altitude em centenas de sermões que são outras tantas paginas de antologia, costuma obscurecer o seu trabalho incansavel como homem de Estado. Não houve problema de seu tempo, quer ligado aos interesses da religião, quer á politica de Portugal, a que essa figura extraordinaria fôsse estranha, ou em que deixasse ele de exercer marcante influencia. Conselheiro de reis ou missionario perdido nas longinguas paragens da Amazonia, a sua voz ergueu-se destemerosa a profligar abusos e a indicar rumos. Diplomata, quer em Amesterdão, quer em Paris, quer em Roma, deixou em toda parte onde se fez sentir sua presença, as marcas indeleveis do genio, tantas vezes incompreendido. A sua luta em favor dos judeus em Portugal ou em defesa da liberdade dos indios no Maranhão e no Pará, marcam-lhe um lugar particular em seu tempo. E suas proprias cogitações de vidente, preocupado com a missão mesianica que seu patriotismo atribuia a Portugal e que lhe custaram tantos dissabores, assinalam outra faceta desse espirito sempre insatisfeito e sempre brilhante. Vieira morreu em 1697, na Bahia.





6 de fevereiro de 1808

NASCE EM LISBOA, O JESUITA PADRE ANTONIO VIEIRA

Desta célebre pregador e homem de letras da Companhia de Jesus, cujo nome enobrecerá Portugal e Brasil, qual foi o Padre Antônio Vieira, assim descreve a Noiva, José Teixeira de Oliveira, em *Vidas Brasileiras*.

"A Companhia de Jesus de tanto relevo na História do Brasil, tem o Padre Antônio Vieira uma das suas figuras mais ilustres, e operosas.

Embora português de nascimento, Vieira educou-se no Brasil e aqui viveu, trabalhando pelo desenvolvimento da catequese dos índios, batalhando uma guerra sem quartel contra o seu ativo, auxiliando na campanha pela expulsão do invasor holandês.

Aos 8 anos de idade iniciou a sua educação no Colégio dos Jesuítas, na cidade do Salvador.

Aos 15, vestiu a roupa dos filhos de Lolola. Antes dos 20, já estava em Olinda lecionando retórica.

Até 1645, isto é, até aos 37 anos, a sua palavra esteve a serviço da guerra, concitando o povo à luta contra os bánavos.

Com a subida de D. João IV ao trono português, Vieira segue para Lisboa, onde tem ação brilhantíssima na tribuna sagrada. Logo se fez admirado do soberano, que o nomeou seu embaixador para ajustar os mais importantes negócios portugueses de então com a Holanda, França e com a corte pontifícia.

Contrariedades provocadas pela inveja mesquinha de alguns dos seus desajeitados, trouxeram-no de volta ao Brasil em 1653.

É nessa época que ele inicia a seu apostolado contra a escravidão dos índios com o que provoca o ódio do colono português.

Penetra nas selvas e riachos do Amazonas e do Ceará, missionando entre o gentio.

Préso no Pará, foi levado a Portugal, onde o esperava um processo movido pelo Tribunal da Inquisição.

Durante sua permanência na Europa, publica o 1.º volume dos — *Sermões*.

Em 1681, ei-lo novamente de volta ao Brasil, onde prossegue o ato de coligir e editar os *Sermões*, obra prima da oratória sacra portuguesa, monumento linguístico que situa o seu autor no mesmo plano do poeta dos *Lusiadas*.

Advogado dos índios e dos judeus, epistológrafo, político, orador e missionário, inspirador nos conselhos da coroa, de importantes iniciativas em benefício do Brasil, pregador de patriotismo, o Padre Antônio Vieira destaca-se no mundo luso-brasileiro do século XVII pela cultura invulgar e pelo alto espírito que inspira os seus gestos, palavras e atos".

É eis o Dr. Antônio Fernandes Figueira, em sua tese apresentada no Primeiro Congresso de História Nacional em Setembro de 1914, sobre o P. Antônio Vieira.

"Conselheiro privado do Soberano Português, cultivou-lhe o afeto dele utilizando-se Vieira para os interesses que defendia, não alimentando, porém a imaginação com o imitar *Marxino ou Richelieu*.

A cotaina do Jesuíto, e com ela abriu caminho, entre alas de poderosos — eis o ideal constantemente agado.

"Chegaram a negociar com o Padre Geral que me despedisse da Companhia — conta ele na *Defesa do Quinto Império* — como com efeito se tivera executado, se El-Rei o não proíbira".

Para desviar o golpe, D. João IV lhe ofereceu um Bispado e lhe reedagou o Protegido: "Que a todas as Mitras, de que Sua Magestade podia dispor, antepunha ele o viver no lugar mais humilde entre os Jesuítas. Que se estes chegassem ao despedir, e nem páris Servo o quizessem admitir de novo, ficaria da parte de fora lamentando-se e chorando, até acabar a vida junto daquelas amadas portas, dentro das quais lhe tinha ficado a alma toda".

MONT. J. M. BALEM

(Secção "A NOTA HISTÓRICA", do "Jornal do Dia", de Porto Alegre (RS), de 06.02.1957).



Segunda-feira, 18-7-77 — O ESTADO DE S. PAULO

ESTA NOTÍCIA É LEMBRADA HÁ 280 ANOS:



PADRE VIEIRA MORREU.

Perseguido pela Inquisição, o maior liberal de seu tempo acabou morrendo na obscuridade.

Luis Carlos Lisboa

— Judaizante, sacrílego, blasfemo!

As palavras finais da acusação faziam eco na grande sala do tribunal, em Coimbra, na tarde de 23 de dezembro de 1667. O acusado, um jesuíta de cerca de sessenta anos, ouvira de pé a sentença, durante duas horas, em presença de grande auditório, os olhos postos no

crucifixo da parede, sem fazer o menor gesto. A Inquisição acabava de decidir que o réu, culpado de falar e escrever, ficava proibido de pregar, redigir e officiar missa. O maior orador sacro da língua portuguesa, padre Antonio Vieira, devia permanecer recluso num seminário, onde reaprenderia os princípios da religião que estava sendo acusado de ofender.

Por dois anos e alguns meses, Vieira havia esperado o julgamento, incomunicável na prisão inquisitorial de Coimbra, num cubículo escuro e úmido, sem notícias do mundo, sem livros — nem mesmo a Bíblia —, sem a presença humana que tanto estimava. Considerado "o maior liberal de seu tempo", o jesuíta tomara sempre o partido de minorias perseguidas, como os judeus e os índios. Suas gestões diplomáticas junto aos holandeses, em Pernambuco, levantaram suspeitas em Portugal. Sua campanha contra a escravização dos indígenas irritaram os portugueses radicados no Brasil. Entre outras acusações, constava a de dar crédito a profecias heréticas.

Atribuía-se ao padre Antonio Vieira, no entanto, uma extraordinária capacidade de refazer-se das quedas. Com a deposição de Afonso VI, subiu ao trono português Dom Pedro, que tinha a seu serviço bons amigos do jesuíta. Vieira foi reabilitado, solto e indultado das penas que sobre ele pesavam. No ano seguinte seguiu para Roma, onde sua fama de orador se espalhou pela Europa inteira. Em 1681 retornou definitivamente ao Brasil.

O orador sacro, político, diplomata e missionário Antonio Vieira, nascido em Lisboa em 1608 e morto em Salvador em 1697, viveu 52 dos seus 90 anos de vida, no Brasil. Fez o seminário na Bahia e ali se ordenou. Antes, aos 16 anos, publicou a Carta Anua, em que relata ao geral dos jesuítas a invasão holandesa. Em 1640 pregou, ainda na Bahia, o famoso "sermão de Sto. Antonio dos peixes", em que celebrou a derrota dos holandeses. Viajando para Portugal, fez-se amigo e confidente de D. João IV, exercendo influência na política econômica do reino. Vieira achava possível salvar as finanças com a ajuda de banqueiros portugueses refugiados na Holanda. A amizade com esses cristãos-novos levantaria as primeiras desconfianças do Santo Ofício contra ele. A aristocracia portuguesa e os dominicanos passaram a hostilizá-lo abertamente.

De volta ao Brasil em 1653, dedicou-se à catequese do gentio. No Maranhão, opôs-se à escravização dos índios. Suas missões no Tocantins e em Itapicuru fracassaram completamente, por falta de recursos. Em Marajó e Ibiapaba passou mais de seis anos. Percorreu 600 léguas, a pé e em lombo de cavalo, construiu 16 igrejas em diferentes locais, redigiu e distribuiu catecismos em sete línguas indíge-

nas, pacificou inúmeras tribos. No célebre "Sermão da Epifania", feito em 1662, falava em defesa dos índios: "Não nos podemos sustentar doutra sorte, senão com a carne e sangue dos miseráveis índios! Então eles são os que comem gente? Nós, nós somos os que imos comer a eles!"

Depois, foi a volta a Lisboa, o processo em Coimbra, a condenação e imprevisto perdão. Em 1681 regressa ao Brasil e permanece na Bahia, em relativa e desejada obscuridade, até a morte. Sua obra essencial está nos Sermões e nas cartas, obras primas da literatura barroca. A História do Futuro, que reescreveu algumas vezes, teve uma última forma que ele próprio chamou Chave dos Profetas. O barroquismo cultista de suas cartas dera-lhe notável celebridade, em sua edição póstuma de 1735. A crítica aceita-a unanimemente como o grande monumento da epistolografia portuguesa. Sobre Vieira escreveram, no Brasil, João Francisco Lisboa, Afrânio Peixoto, o padre André de Barros, Pedro Calmon, Eugênio Gomes e Ivan Lins. Para Silvio Romero, Vieira foi principalmente tribuno, com o que não concordam outros críticos. O fato de que o autor de Sermões "pensava oratorialmente" não significa muito, quando se sabe que boa parte dos escritores conhece o mesmo fenômeno. O raciocínio de Vieira foi sempre — isso parece inegável — o do argumentador. Ele não foi jamais o pensador desinteressado. Onde quer que estivesse, assumia posições, militava. Esse estrategista era, surpreendentemente, um improvisador brilhante. Dotado de memória extraordinária, Vieira ilustrava seu pensamento com citações fiéis e oportunas. Seus sermões eram audaciosos, eloquentes, às vezes agressivos. Por isso, seus admiradores eram muito ardorosos e seus inimigos muito ressentidos.

Vieira conheceu contradições, em sua longa vida, mas em alguns aspectos manteve uma coerência invejável em tão notável talento oratório. Os oradores privilegiados são frequentemente tentados pelas formas de efeito, e estas nem sempre se ajustam aos padrões da verdade. O jesuíta era inflexível, entre outros pontos, no que dizia respeito à simplicidade pessoal, à verdade íntima de cada homem, única realidade suscetível de avaliação do ser humano. No sermão do Terceiro Domingo do Advento, diz: "Quando vos perguntarem quem sois, não vades resolver o nobiliário de vossos avós, ide ver a matrícula de vossas ações. O que fazeis, isso sois, e nada mais. Quando ao Batista lhe perguntaram quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacarias; não se definiu pelos pais, nem pelo apelido. Só de suas ações formou a sua definição: Sou a voz que clama no deserto".

(Extraído do "Jornal da Tarde" de "O Estado de S. Paulo", de São Paulo, do dia 18-julho-1977)



Pe. ANTÔNIO VIEIRA

O Pe. Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em 1608, tendo falecido na Bahia, em 1697. Aos 6 anos de idade, veio para Salvador, em companhia dos pais, que aí se fixaram. Estudou no Colégio dos Jesuítas, entrando para o noviciado da Companhia de Jesus em 1623. Dez anos depois, estrearia no púlpito e, um ano mais tarde, ordenar-se-ia sacerdote. Então, já havia sido professor de retórica no Colégio de Pernambuco. Em 1641, depois de vinte e nove anos de permanência no Brasil, orador sacro famoso (já havia pronunciado sermões como o "Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda"), foi para Portugal, integrando uma embaixada junto a D. João IV. Até 1652, quando se dedica ao desempenho de missões jesuítas no Maranhão e Grão-Pará, atuou ativamente na política de D. João IV, utilizando o púlpito em proveito de suas idéias e das causas que defendeu. Discute os interesses portugueses com relação à questão dos cristãos-novos perseguidos pela Inquisição, defende os primeiros e combate aquele tribunal sombrio, desempenha missões diplomáticas no estrangeiro. Uma vez no extremo norte, defende os índios contra os propósitos escusos dos colonizadores. É dessa época o "Sermão de Santo Antônio aos Peixes", e também o "Sermão da Sexagésima", sermão este último em que teoriza sobre a oratória e o orador sacros. Em 1661, expulsos os Jesuítas do Maranhão, é impellido a retornar a Portugal. Logo mais, seria também vítima da Inquisição, que não o perdoava pela atitude de defesa dos cristãos-novos. Conseguiu reabilitar-se. Esteve então na Itália, onde confirmou, em língua italiana, as suas qualidades de orador. E, em 1681, regressou definitivamente a Salvador, passando a dedicar-se principalmente à publicação definitiva de suas obras, iniciada desde 1679. Célebre como orador, epistológrafo, prosador em geral, o Pe. Antônio Vieira conciliou muito bem os fundamentos de sua formação jesuítica com o estilo da época. Atingiu o máximo da virtuosidade na expressão sutil, no fraseado de intrincada estrutura lógica, carregada de alegorias e antíteses. Mas soube comunicar suas idéias de maneira consciente, quer revelando extraordinária humanidade e sentimento patriótico, quer preocupação política, vigilância sobre a sociedade, ou desenvolvendo temas religiosos. Nos sermões, sobretudo, a riqueza das construções imagéticas, exaustivamente desdobradas, feria de cheio a substância das coisas, dos sentimentos e da condição humana nas suas relações com o divino, dando-nos o melhor exemplo do conceptismo em língua portuguesa. O interesse estilístico e temático de sua obra é de Portugal, do Brasil e do barroco em geral.

BIBLIOGRAFIA
DO AUTOR:

1. Cronologia: Sermões, 15 vols., publicados de 1679 a 1692 (desde 1642 vinham sendo feitas edições isoladas de seus sermões); novos volumes em 1710 e 1748; Arte de furtar, 1652; História do futuro, 1718; Cartas..., 3 ts., 1735-1746.

2. Edições indicadas: Sermões — Reprodução fac-similada da edição iniciada em 1679, S. Paulo, Editora Anchieta, 1943-1945, 16 vols.; Cartas, coordenadas e anotadas por J. Lúcio d'Azevedo, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925, 1926, 1928, 3 vols.; Obras escolhidas, Lisboa, Sá da Costa, 1951-1954, 12 vols.; Vieira — Sermões, 2.ª ed., Rio de Janeiro, Agir, 1960.

SOBRE O AUTOR:

João Lúcio d'Azevedo, História de Antônio Vieira, Lisboa, Livr. Clássica, 1918-1920, 2 vols.
Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, Introdução às Obras escolhidas, ed. cit.
Eugênio Gomes, Introdução a Vieira — Sermões, ed. cit.

(Extraído de "Presença da Literatura Brasileira - I"
de Antonio Cândido e J. Aderaldo Castillo, edição
da Difusão Européia do Livro, 5a. edição, S. Paulo,
1973)



Padre Antonio Vieira



Padre Antonio
Vieira

A 8 de fevereiro de 1608 nasceu em Lisboa o padre Antonio Vieira, falecido no collegio dos Jesuitas, Bahia, no dia 18 de julho de 1697. Pregador insigne, politico e diplomata, alem de devotado missionario nos sertões do norte do Brasil foi, sem duvida, uma das maiores figuras do mundo lusobrasileiro do seculo XVII. Em 1615 veio para o Brasil e, oito anos depois, ingressava na Companhia de Jesus. Em 1635, dizia sua primeira missa e iniciava sua vida de pregador. Escolhido para acompanhar o filho do vice-rei a Portugal, logo se tornou conselheiro de d. João IV, ingressando assim na vida politica e diplomatica. Desempenhou importantes missões em varias cortes europeias, e sua opinião era quase sempre acatada pelo rei. Retornando ao Brasil em 1652, foi missionario por varios anos no norte e no nordeste, tendo tido oportunidade de defender a causa dos indios contra os colonos. Expulso do Brasil, juntamente com seus irmãos de habito, voltou à Europa em 1659. Perseguido pela Inquisição, esteve preso nos carcerees do Santo Officio (1665-1667) que o condenou a perder o uso da palavra. Posteriormente, o papa Clemente X declarou-o fora da jurisdicção inquisitorial. Desiludido, voltou ao Brasil em 1681 e exerceu cargos de administração na sua Ordem, dedicando-se ainda à compilação de sua obra que se compõe de 26 volumes, onde estão cerca de 200 sermões, mais de 500 cartas e numerosos estudos politicos e literarios.